

**Arquivo  
quer público**

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**IMPRESSO**



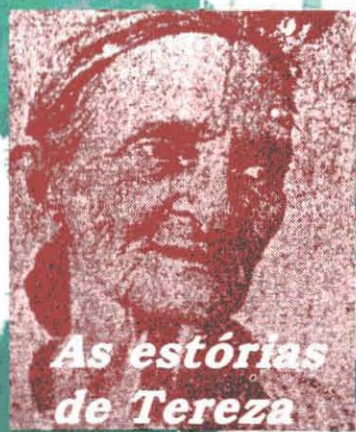
**Belém é  
saudade**



**O mundo  
e os  
fins de  
Cardoso**



**Os  
versos  
de  
Quintina**



**As histórias  
de Tereza**



**Samba  
malandro**

# Reviver Formosa



O número de contos populares que Luzia Tereza dos Santos gravou coloca-a entre os mais pródigos narradores do mundo. Há notícia de um narrador israelense, tido como o que mais contos populares transmitiu em seu país, que contou "mais de duzentas estórias" (um número impreciso), mas não se sabe de ninguém que haja atingido a marca das 236 narrativas, como Luzia Tereza.

A narradora paraibana, que nasceu em Guarabira a 15 de março de 1909 e faleceu em João Pessoa a 31 de maio de 1983, durante seis anos (1977 a 1983) gravou contos populares para o projeto "Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba", desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba/PRAC/COEX, através do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular.

Boa parte das estórias que contou, Luzia Tereza aprendeu em criança, na zona rural de Guarabira, onde morava, em noitadas em que a vizinhança se reunia nos terreiros das casas e entre as conversas sobre os acontecimentos do dia, quando, invariavelmente, narravam-se contos populares. Também nos trabalhos coletivos como as farinhadas (fabrico de farinha de mandioca) e debulhas de feijão, o entretenimento era contar estórias. Mas ela atribuía a grande quantidade de estórias que sabia sobretudo a Luiz, o marido de quem falava com tanto carinho e com quem tudo aprendeu. Também disse haver ouvido grande número de contos de um velhinho, seu vizinho em João Pessoa e amigo de Luiz.

Impressionava em Luzia Tereza a expressividade do rosto, dos braços magros e longos, das mãos descar-

## LUZIA TEREZA

# A contad de estória

□ Altimar Pimentel

nadas que se erguiam ou que ela utilizava em gestulações tão precisas. A expressão corporal compunha com as variações vocais as inflexões apropriadas aos momentos mágicos e cativantes em que narrava. Os gestos desenhavam personagens e situações, evocavam imagens, delineavam seres e coisas. A velhinha calada, acanhada, tímida, transmutava-se narrando

estórias de príncipes, princesas, fadas; vivia cada personagem e colhia exemplos locais para melhor visualização da narrativa.

Na narração de Luzia Tereza, observam-se não só construções frásicas bastante curiosas como expressões, termos já em desuso ou desconhecidos, por ela empregados, como se fossem próprios da narrativa, a ela inerentes.

*A maior contadora de contos populares é brasileira: Luzia Tereza. Entusiasmado com sua memória extraordinária, o editor Victor Alegria, da Thesaurus, publicou recentemente um livro em que, através da pesquisa de Altimar Pimentel, estão compiladas todas as suas estórias. A Universidade Federal da Paraíba resgatou para a posteridade a obra desta magnífica narradora.*



## ESTÓRIAS DE TEREZA

## Os dois vaqueiros

Bem, morava um homem num arrabalde com dois filhos. Desde pequenos esses meninos diziam que quando crescessem queriam ser vaqueiros. Agora, aqueles dois irmãos, tinha um corajoso e outro medroso. Cresceram, ficaram rapazes, saíram

a procurar um patrão para trabalhar de vaqueiro. Andaram, andaram, acharam uma fazenda, procuraram ver se tinha trabalho.

- Tem.

- Mas nós só queremos se for para todos dois, que nós somos irmãos, só podemos trabalhar juntos.

Ficaram eles dois trabalhando de vaqueiro. Com muito tempo que estavam trabalhando na fazenda, perderam-se dois bois dentro da mata e eles foram atrás ver se achavam. Saíram dentro da mata, andaram, andaram, andaram, ouviram os berros de duas cabras.

- Fulano, dentro desta mata tem duas cabras perdidas. Vamos atrás?

O medroso disse:

- Fulano, a gente caçando bois, agora se apresentar berros de duas cabras!

Mas foi mais o outro. E aquelas cabras berrando. Quanto mais eles andavam, mais as cabras ber-



ravam longe, longe. Eles atrás dos berros das duas cabras e elas berrando pra longe. Eles botaram o cavalo atrás, botaram o cavalo atrás. Andaram, andaram, muito na frente se apresentaram duas novilhas de cabra da cor de uma lavareda de fogo.

- Vamos pegar!

Botaram o cavalo e pega aqui, pega acolá... Pegar o quê? Com uns tempos que lutaram as cabras sumiram e se apresentaram duas defuntas. Aí, sim! O irmão medroso se agarrou no outro:

- Meu irmão, me acode que esta defunta quer me pegar! Quer me carregar!

- Deixe de ser medroso! Crie coragem que nem eu! Deixe de ser medroso!

- Não, meu irmão! Esta defunta me leva!

E agarrava-se com o irmão. Foi uma luta medonhona! Aquelas duas defuntas - uma para um, outra para outro. O irmão me-

droso assubiu de pau para riba, dependurado num cipó e a defunta puxando ele para baixo. E ele:

- Me acode, meu irmão, que esta defunta me mata!

Lutaram, lutaram, lutaram... Com muita luta, uma disse ao irmão corajoso:

- Aqui vai haver um grande vulcão. Fulano vai emburacar na frente. Nós vamos botar ele na frente,

porque se nós formos na frente, ele não vai que tem medo.

A defunta pegou o medroso, botou nas costas, emburacou de cabeça abaixo naquele vulcão que apareceu assim de repente. Aquele outro, o corajoso, pegou a defunta, botou nas costas e emburacou atrás. Quando bateu lá embaixo, estabeleceu o reinado mais rico do mundo! Então, a rainha, mãe de duas princesas que tinham desencantado, disse:

- Bem, estabeleceu! Desencantaram-se minhas duas filhas! Foram dois vaqueiros que desencantaram minhas duas filhas. Agora vão se casar esses dois vaqueiros, cada um com uma princesa.

Mandou eles tirar aqueles vestuários de vaqueiro e tomar banho. Trajou eles de príncipe e casou com as duas princesas. Cada um com uma. Pronto!

**Criada em ambiente rural, Luzia Tereza contava suas estórias em noitadas em que a vizinhança se reunia nos terreiros das casas.**